

IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

BELÉM IS BURNING: VOGUE DANCE E CULTURA BALLROOM EM BELÉM DO PARÁ

BELÉM IS BURNING: VOGUE DANCE AND BALLROOM CULTURE IN BELÉM DO PARÁ

Juanielson Alves Silva
Doutorando PPGARTES UFPA

RESUMO: Este trabalho atravessa minha pesquisa de doutoramento em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA (PPGArtes-UFPA) e tem como objetivo principal refletir sobre minhas experiências no âmbito da *Cultura Ballroom*¹ (BAILEY, 2013) no contexto sociocultural da cidade de Belém do Pará. E para tal, faço uma *coreocartografia familiar* (SILVA, 2019) para descrever tal cultura, seu contexto social, histórico e cultural de origem, a partir de um estudo teórico-prático sobre uma de suas categorias denominada *Vogue Dance*² (BERTE, 2014) no *Projeto Belém is Burning*³ que acontece em Belém do Pará. Além disso, também relato minha experiência na *kikiball Strike a pose*⁴, evento de cultura Ballroom, que aconteceu dentro da *Festa Profunda* em 2019, a fim de apresentar a relevância desta experiência para a dilatação de minha pesquisa e experiências artísticas na *Comunidade de Lesbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis Queers, Intersexuais, Assexuados e mais (LGBTQIA+)*.

PALAVRAS-CHAVES: Cultura Ballroom; vogue dance; comunidade LGBTQIA+;

ABSTRACT: This work crosses my doctoral research in Arts by the Graduate Program in Arts at UFPA (PPGArtes-UFPA) and has as main objective to reflect on my experiences in the sphere of Culture Ballroom (BAILEY, 2013) in the sociocultural context of the city of Belém do Pará. And for that, I do a family choreocartography (SILVA, 2019) to describe such culture, its social, historical and cultural context of origin, from a theoretical-practical study on one of its categories called Vogue Dance (BERTE, 2014) at the Belém is Burning Project that takes place in Belém do Pará. In addition, I also report my experience at the kikiball Strike a pose, Ballroom culture event, which took place at the Deep Party in 2019, in order to present the relevance of this experience for the expansion of my research and artistic experiences in the Lesbian, Gay, Bisexual, Transsexual, Transvestites, Queer, Intersex, Asexual and more Community (LGBTQIA+).

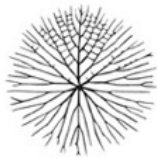
KEYWORDS: Ballroom Culture; vogue dance; LGBT Community.

¹ Cultura de bailes.

² Dança Vogue.

³ Belém está queimando.

⁴ Pequeno baile Faça um pose.



INTRODUÇÃO

O branco, o normativa, o padrão nunca é denominado, ele continua sendo universal. O todo poderoso. E acho que a gente tem que abrir mais nossos olhos[...] para perceber as pessoas e artistas que estão próximos a nós, e que nós não necessariamente valorizamos e legítimos enquanto arte até nos que digam que aquilo é arte.

Linn da quebrada

Este trabalho atravessa minha pesquisa de doutoramento em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA (PPGArtes) e tem como objetivo principal relatar minhas experiências dançantes no âmbito da *Cultura Ballroom* no cenário cultural de Belém do Pará.

A se saber, *Cultura Ballroom*⁵ (BAILEY, 2013) ou *Ball culture*⁶, é uma contracultura emergente das periferias de Nova York, mais especificamente do bairro do Harlem, e que se tornou mundialmente conhecida, principalmente por conta do *Voguing Dance*⁷, retratada na música e videoclipe da cantora Madonna lançados em 1990. Todavia, é importante ressaltar que, a *Cultura Ballroom*, como toda cultura, é um sistema que envolvem elementos diversos como moda, música, dança e outros elementos peculiares que serão discutidos brevemente neste artigo.

Sendo assim, pretendo descrever neste trabalho meu encontro com a *Cultura Ballroom*, as vivências com o *Voguing dance*, que são diretamente atravessadas por minha participação do projeto *Belém is Burning*⁸ que acontece em Belém do Pará desde janeiro de 2019 e que tem como objetivo promover ações, encontros, discussões e outras experiências para jovens, em sua maioria membros da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Queer, Intersexuais e Assexuados (LGBTQIA+), da capital paraense e cidades vizinhas.

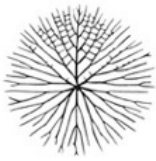
Por isso, inicialmente farei um breve panorama sobre a *Cultura Ballroom*, descrevendo seu contexto histórico e alguns elementos que a compõe, tais como: as

⁵ Cultura de bailes.

⁶ Idem.

⁷ Dança Vogue.

⁸ Belém está queimando.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

*balls e kikiballs, as houses e kikihouse*⁹ e as *categorias*. Para em seguida, falar sobre as categorias dançantes, mais especificamente sobre o *Voguing dance* e seus desdobramentos e, por fim, me ater aos atravessamentos de tal cultura e dança no contexto de Belém do Pará, o que inclui minhas experiências no *Projeto Belém is Burning* (BIB) e nas kikiballs já realizadas na referida cidade.

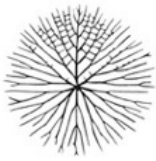
Para isso, debruço-me sobre a *Coreocartografia familiar* (SILVA, 2019) como procedimento poético-metodológico que é inspirada na *cartografia* (DELEUZE, 1995) em diálogo com a noção de *processos de criação* (SALLES, 2006) em *dança contemporânea* (SILVA, 2005), pois a mesma trata-se de um caminho, ou uma experiência, que não fala dos fenômenos a partir de uma visão distanciada, mas a partir de uma perspectiva de quem os vive profundamente em seu corpo, o coreocartógrafo, utilizando-se de tais experiências como referenciais para a pesquisa bem como de outras referências transdisciplinares para a construção da mesma, tais como trabalhos acadêmicos, filmes, músicas, e no caso deste trabalho entrevistas/conversas. Tal escolha se dá, por esta pesquisa nascer da pretensão de compreender as vozes da diferença que atravessam minha jornada, bem como minha própria voz, e ainda, de traçar caminhos/possibilidades para o entendimento de pesquisa em dança na contemporaneidade. por meio dos movimentos de um corpo que celebra sua existência e suas resistências aos instrumentos de manutenção do ódio que constantemente tentam apagar sua subjetividade.

A CULTURA BALLROOM E SEUS ATRAVESAMENTOS EM BELÉM DO PARÁ

Cultura Ballroom, bailes, casas e categorias

A *Cultura Ballroom* que, segundo Bailey (2013), se estrutura principalmente em três elementos: o sistema de gênero, a estrutura de parentesco (*Houses*) e os eventos de competição (*Ball*), nasceu em Nova York, mais especificamente no bairro do Harlem,

⁹ Na *Cultura Ballroom* há duas configurações de cenas, a *cena main* (Cena maior ou internacional) que diz respeito aos grandes bailes (Balls) e as grandes Casas (Houses) e a *cena kiki* (cena menor ou regional) que diz respeito aos bailes (kikiballs) e casas (kikihouse) regionais ou locais.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

nos Estados Unidos da América, como estratégia de resistência da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Queer, Interssexuais, Assexuados e mais (LGBTQIA+) negros e latinos americanos que eram segregados de forma macro e dentro da própria comunidade LGBTQIA+, haja vista que na época já eram comuns bailes e outros eventos organizados por, e para, homens cis gays brancos, nos quais pessoas diferentes destes não podiam participar por não se enquadrarem nos padrões de corpos preestabelecidos para tais eventos, isto é, corpos cis masculinos e branco.

E por isso, estes indivíduos, LGBTQIA+ negros e latinos americanos, com protagonismo de mulheres trans, começaram a organizar seus próprios bailes e se encontrar para celebrar a diferença e ocupar espaços. Tais bailes ficaram popularmente conhecidas como *Balls* ou, em alguns casos, *Kikiballs*, que, de forma mais plural que os eventos organizados pela comunidade de gays brancos de Nova York, acolhiam diferentes corpos.

Desta forma, as *Balls* e *Kikiballs* tornam-se estratégias de manutenção da cultura LGBTQIA+ negra e latino-americana, bem como espaços de fortalecimento da mesma que, como retrata o filme-documentário *Paris is burning*¹⁰ (1991), tece relações políticas e afetivas em contrapartida ao contexto de opressão e marginalização destes corpos na sociedade. Sendo assim, tais eventos são de suma importância para compreender como é possível criar mecanismos de agenciamentos de afetos entre os corpos marginalizados, haja vista que estes encontros “são reuniões de pessoas que não são aceitas em outros lugares. Celebrando uma vida que o resto do mundo não considera digna de celebrar” (POSE, 2018) e se caracterizaram como espaços de sobrevivência e manutenção de uma cultura outra, uma contracultura, produzida por corpos que não se encaixam nos padrões higienizadores sistemáticos advindos de uma cultura dominante cisheteronormativa e branca.

As *Houses*, ou *Kikihouses*, no contexto norte-americano durante o surgimento da *Cultura Ballroom*, nasceram como um lugar de acolhimento para LGBTQIA+ que foram expulsos de suas casas de origem, por vários fatores, mas dentre os principais por

¹⁰ Paris está queimando.



suas orientações sexuais não-heteras, por suas identidades de gênero não-cis e/ou, conseqüentemente pelo medo e preconceito de suas familiares quando a epidemia do vírus HIV/Aids foi caracterizado pejorativamente como “a praga gay”.

Tais *Houses* são estruturas parecidas com a de uma família, mas que, ao contrário do que usualmente é projetado de forma normatizadora a partir de uma lógica heteronormativa, essas *Houses* são frutos de ligações sociais que transcendem muito a concepção de uma família formada a partir de um laço matrimonial entre dois indivíduos, ou mais especificamente, um homem e uma mulher (SANTOS, 2018, p. 16)

Nos dias atuais, já não é tão comum os membros das *Houses* e *Kikihouses* morarem no mesmo espaço físico, como era de praxis nos anos 80 e 90, porém estas ainda permanecem com uma grande responsabilidade social de acolhimento as pessoas LGBTQIA+, haja vista que o preconceito, a desinformação e, conseqüentemente, o ódio ainda se manifestam com frequência em diversos contextos.

Os membros das *Houses* e *Kikihouses* participam das *balls* e *kikiballs* representando suas casas em desfiles que são divididos em *categorias* e que se estruturam de forma representacional a partir dos contextos da vida cotidiana da comunidade LGBTQIA+, tais como: runway¹¹; realness¹²; fashion¹³; face¹⁴; body¹⁵ e Voguing performance¹⁶, etc. É importante ressaltar que estas categorias são também são divididas a partir da identidade de gênero, como por exemplo: Butch queen¹⁷; butch¹⁸; female figure femme Queen¹⁹ e female figure Woman²⁰; Butch queen in drag²¹ e Open to all-OTA²².

¹¹ Desfile.

¹² Realismo.

¹³ Moda.

¹⁴ Rosto.

¹⁵ Corpo.

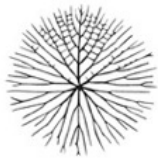
¹⁶ Performance de Vogue.

¹⁷ homem cis gênero.

¹⁸ mulheres cis com performance masculinas ou homens trans.

¹⁹ Figura feminina para mulheres trans

²⁰ Figura feminina para mulheres cis



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Em conversa com o Rodrigo Pará (2019), um dos fundadores do Projeto *Belém is Burning*, que falarei mais adiante, pude conhecer algumas implicações sociopolíticas que as *categorias* trazem consigo, uma vez que, como afirma o próprio:

dentro de um ball, você tem categorias que representam personas, representam papeis sociais, então você tem o *Realness*, por exemplo, o *Realness* ele mostra a capacidade da pessoa se enturmar, dela se disfarçar no dia a dia. Então, por exemplo, um negro gay e pobre de Nova York da década de 70, ele nunca ia conseguir, ou muito difícil, ele iria conseguir um trabalho em uma empresa grande, ser um executivo famoso, então os *realness* eles surgem para mostrar para essas pessoas que eles podem representar esses papeis, e que se eles saírem nas ruas, eles vão fazer parte desse grupo, eles vão conseguir retratar aquilo de uma maneira fiel. Então, surgiu por uma questão de sobrevivência mesmo. Toda a estrutura da Ballroom ela é baseada na questão da sobrevivência da comunidade mesmo. (PARÁ, 2019, n.p)

Isso demonstra o interesse da comunidade com o cuidado com seus pares por meio do suporte psicológico e acolhimento aos seus integrantes, uma vez que o envolvimento nestas categorias não é de cunho apenas representacional, mas de encorajamento para lidar com o mundo exterior aos bailes, bem como para o desenvolvimento de estratégias de sobrevivências neste mundo e empoderamento dos corpos que vivem a *Cultura Ballroom*. Todavia, meu interesse, neste trabalho é mais específico quanto a categoria dançante *Voguing Dance*, ou como também é conhecida *Voguing performance*²³, e seus desdobramentos que irei detalhar adiante.

Sobre a Dança Vogue

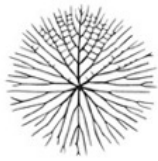
*a) Vogue Old way*²⁴

²¹ Homem cis performando como drag queen

²² Aberta para todos os gêneros

²³ Performance de Vogue.

²⁴ Vogue jeito antigo.



Segundo Lima e Oliveira (2018), há duas bases históricas sobre o surgimento do Vogue, a primeira toma Paris Dupree, figura da *Cultura Ballroom* retrata em Paris is Burning (1990) como protagonista e revela que a artista imitava as poses das modelos da revista Vogue, e por isso a dança ganha este nome, em frente a um clube, seguindo as batidas da música. A segunda, relata que presidiários LGBTQIA+ negros e latinos americanos do presídio Rikers Slid em Nova York, vítimas das leis de proibição da homossexualidade e do racismo institucional, começaram a imitar as poses dos modelos das revistas de moda, único conteúdo permitido dentro das prisões, por supostamente não apresentarem cunho político, como o caso da revista Vogue, e mesclaram aos movimentos que remetem ao gestual dos militares. Rodrigo Pará, também me relatou um pouco sobre essa segunda versão :

existe uma história que eu não sei dizer se é verdadeira ou não, mas algumas pessoas LGBTs pobres eram presas e as únicas revistas que poderiam passar na prisão eram as revistas de moda, porque elas não tinham nenhum cunho político, teoricamente, então, existe a revista Vogue, e ela começou a entrar na prisão e as pessoas que estavam lá começaram a imitar as poses das revistas, através das poses de modelos, e desde então a dança evoluiu para outros estilos. (PARÁ, 2019, n.p)

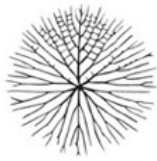
Estas primeiras manifestações do Vogue Dance ficaram conhecidas por *Pose e Pop, Dip and Spin*²⁵, e mais tarde como *Vogue Old Way* e suas bases fundamentais estão do ato de posar(pose), mergulhar/cair(dip), girar(spin), caminhar (walks and catwalks) e controlar as movimentações de braços (Arms control).

*b) Vogue femme*²⁶

O *Vogue Femme* surge pela necessidade de inclusão da gestualidade feminina na dança no *Vogue Old way*, principalmente pela influência das mulheres trans no contexto da *Cultura Ballroom* na época. Trata-se de uma dança de movimentações mais fluidas que em sua movimentação faz alusão ao processo de transição de gênero,

²⁵ pop, mergulho e giro.

²⁶ Vogue feminino ou afeminado



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

sendo assim o *Vogue femme*, ressalta a feminilidade dos corpos e um ideal de corpo feminino as mulheres trans do contexto de surgimento da Cultura Ballroom.

Depois surge o *Vogue Femme*, que é uma forma mais feminina de reproduzir as movimentações que vinham do *Pop dip and spin (Voguing Old Way)*, que acabou virando outra coisa quando o adotou uma corpeirade das mulheres trans com corpo mais com curva, o lance da hormonização da mulher trans é muito representativo no vogue femme, porque ele fala de quadriz largos, sobre peitos grandes, sobre bundas grandes, e todo esse processo que a mulher trans passa. e por isso que o vogue no geral conta uma história, tanto a tua história quanto uma história que vem antes de ti. (CARDOSO, 2019, n.p)

É importante ressaltar que no *Vogue femme* há cinco elementos que são levados em consideração na avaliação dos jurados durante uma performance, são eles: *hands performance*²⁷, *catwalk* e *duckwalk*²⁸, *floor performance*²⁹, e *dips*³⁰.

c) *Vogue new way*³¹

A Terceira vertente do Vogue dance é denominada *New Way*, e tem influência das técnicas de circo trazidas pelos artistas circenses que frequentavam a comunidade Ballroom, o que caracteriza, por exemplo, a exigência da alta flexibilidade dos bailarinos em suas performances.

Algumas ações características do Vogue New way são: clicks (contorções dos membros nas articulações), arms control (controle de braços), hand illusions e wrist illusions (ilusões de mãos e punhos).

d) *Arms Control*³²

²⁷ Desempenho das mãos.

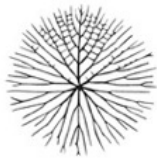
²⁸ Andar do gato e andar do pato, que fazem referência a paralela/desfile.

²⁹ Desempenho de chão.

³⁰ Mergulho.

³¹ Vogue novo jeito.

³² Controle de braços



O *arms Control* é uma categoria emergente do *Vogue Old Way* e do *Vogue New Way* e consiste em demonstrar ao jurado a capacidade de controle das movimentações de braços que se desenham convencionalmente em formatos de caixas e torções.

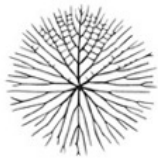
e) *Hands performance*³³

Já o *Hands performance* é uma categoria emergente do *Vogue femme*, também consiste em demonstrar ao jurados a capacidade de domínio das movimentações de braços e mãos, mas diferente do *Arms control*, suas movimentações são mais fluidas e usa-se a mão com mais liberdade, além disso, o interprete deve contar, com suas mãos, uma história.

Graças a minha recente imersão na Cultura Ballroom estas informações hoje são, para mim, mais consistentes, porém meu contato com o Vogue Dance, provavelmente antecede a isto, pois recordo-me de em minha infância ser atravessado pelo interesse que meu primeiro professor de dança demonstrava nas músicas da cantora Madonna que embalavam os aquecimentos de nossos ensaios e seus vídeos clipes que serviam de material de estudos para movimentações, principalmente a canção/clipe de “Vogue” que se tornou mundialmente conhecida nos anos 1990 e foi inspirada na *Cultura Ballroom* e no Vogue Dance, pelo contato da cantora com os coreógrafos Jose Gutierrez Xtravaganza e Luis Camacho Xtravaganza que fazem parte da comunidade Ballroom do bairro do Harlem.

Contudo, apesar deste contato inicial com o Vogue dance, minha relação com a Cultura Ballroom era distante, considerando que graças a projeção de Madonna no mundo pop, as pessoas consumiram apenas um fragmento da cultura, isto é, a dança, e além disso, no contexto social em que cresci, uma cidade de pequeno porte no interior do estado do Pará, as danças, principalmente as advindas da comunidade LGBTQIA+ não encontravam espaços para se manifestar em suas profundidade política.

³³ Performance de mãos.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Logo, minhas imersões mais significativas não só em danças emergentes da comunidade LGBTIA+ de corporeidades que não se atrelam a separação binária entre movimentações masculinas e femininas, como o *waacking dance*³⁴ e o jazz funk³⁵ e o próprio Vogue dance, bem como a própria imersão na comunidade LGBTQIA+, aconteceram a partir do momento em que eu me mudei para Belém do Pará, no ano de 2012, e comecei a frequentar os workshops de danças urbanas da, então Companhia Mirai de Dança, hoje, Escola Mirai de Dança³⁶ e as festas de público LGBTQIA+ de Belém do Pará.

E no que tange, especificamente ao Vogue Dance, é importante destacar que apesar deste atravessar minha vida indiretamente em algumas situações, apenas em agosto de 2019, mergulhei mais a fundo no entendimento de suas expressividades como manifestação de origem LGBTQIA+ por meio dos encontros do projeto *Belém is burning*³⁷.

Belém is Burning

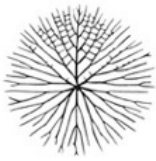
O Projeto *Belém is Burning* (BIB) foi criado em 2019 por Rafa Cardoso, Rodrigo Pará e Renato Lopes como estratégia de promoção e estímulo à *cultura Ballroom* em Belém do Pará, por meio, principalmente, dos estudos do Vogue dance. Meu encontro com estes três artistas antecede o movimento *Belém is Burning*(BIB), pois ambos são alunos da Escola Mirai de Dança, na qual eu também estudei e usualmente faço oficinas e, inclusive, é o espaço físico onde os encontros do BIB acontecem. Escola responsável por ampliar as possibilidades de estudos em Danças Urbanas em Belém, e trabalha com gêneros como Dancehall, Videodance, jazz funk, waacking dance e o próprio Vogue dance no cenário belenense.

³⁴ Subgênero das danças urbanas criada nos clubes LGBT de Los Angeles durante a era da discoteca dos anos 70.

³⁵ Subgênero das Danças urbanas, variante da dança jazz em encontro com elementos de outras danças que compõe o cenário das expressividades das danças urbanas.

³⁶ Escola especializada em Danças urbanas, dirigida pela Cia Mirai de Dança (2007) de Belém do Pará.

³⁷ Belém está queimando.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Sendo assim, atravessados pelas vivências na Escola Mirai e em outros contextos de estudos de Danças Urbanas, Rafa Cardoso, Rodrigo Pará e Renato Lopes, iniciaram o projeto/movimento *Belém is burning (BIB)* acreditando nas potencialidades de transformação causadas pela dança, bem como pela *Cultura Ballroom* e investem em encontros e eventos para difundir seus pressupostos estéticos, éticos e políticos.

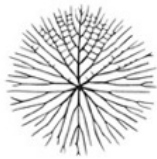
O *Belém is burning* surgiu de uma necessidade que a cultura Ballroom e a dança vogue se proliferasse, aumentasse o cenário, em Belém. Sabe? Na real, é um cenário bem escasso, quase nulo.” (CARDOSO, 2019, n.p).

Aproveitando que tivemos experiências em outros estados, queríamos que isso também fosse uma realidade aqui na nossa cidade e tentar proporcionar esse mesmo tipo de vivência para outras pessoas que se identificam, mas que não têm esse contato com a cultura tão de perto. (LOPES, 2019, n.p)

Estava tendo muito essa mobilização nos outros estados, em São Paulo e no Rio de Janeiro, que acabam sendo os polos principais para onde as pessoas acabam indo para morar, estudar e trabalhar e tal. E aí, a gente queria trazer algo desse tipo de acontecimento para Belém, pela questão política da cultura Ballroom. E a gente acha que é momento importante na história do Brasil ter esse tipo de manifestação artística na cidade. (PARÁ, 2019, n.p)

Ambos relatam que o nome do movimento faz analogia ao filme-documentário *Paris is burning* (1991) escrito e dirigido por Jennie Livingston que desvela o universo dos bailes da Cultura Ballroom no bairro do Harlem em Nova York, e que se tornou referência para quem estuda *Vogue dance* e *Cultura Ballroom*.

Os encontros do grupo acontecem, habitualmente aos domingos a cada 15 dias, quando a Escola Mirai de Dança está com espaço disponível, e dentre as principais ações estão os estudos práticos de Vogue dance e as rodas de conversa sobre o cenário cultural LGBTQIA+ em vários contextos, mas principalmente em Belém do Pará, o que estimula a reflexão sobre os corpos dos próprios participantes enquanto agenciadores da cultura, ao promover um (auto)reconhecimento e uma interrelação entre estes corpos, já que:



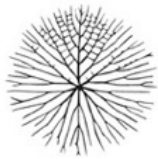
A ideia é expandir essas informações horizontalmente para atingir o máximo de pessoas possíveis, e assim elas poderem aproveitar os eventos e projetos que queremos trazer pra todo mundo, além de aprenderem mais sobre seus corpos, suas ideias, suas identidades, seus anseios. (LOPES, 2019, n.p)



Figura 1- fotografia com integrantes do projeto Belém is Burning depois de um encontro (2020). Fonte: acervo pessoal.

Atualmente o projeto/coletivo conta com em média com 30 integrantes residentes em Belém do Pará e cidades vizinhas e já realizou uma *kikiball*³⁸ em parceria com a escola Mirai de Dança (natalina ball-2019) e colaborou com outras três, uma sem nome que aconteceu dentro da Festa Mirai (2017), e outras duas na Festa profunda, produzida por Henrique Montagne, artista visual e curador independente, que também é

³⁸ Pequeno Baile.



integrante do projeto, que foram: Strike a pose Kiki Ball³⁹ (2019) e Burning Ball Mini ball⁴⁰ (2019),.

E foi na Strike a pose Kiki Ball (2019) que eu percebi que a imersão da *Cultura Ballroom* se fazia necessária ao meu corpo enquanto homem cis gays negro e pesquisador em Dança.

Festa profunda e Strike a pose Kiki Ball

Eu fui a *Festa Profunda* a convite do meu amigo Hian Denys, artista da dança e também integrante do movimento *Belém is burning*, na intenção de vivenciar algumas experiências para minha pesquisa de doutoramento que estava se iniciando naquele período, isso por meio de conversas com alguns amigos LGBTQIA+, e da performance ‘*Quando me assumi*’⁴¹ e, certamente a partir da partição da *kikiball* que aconteceria dentro da festa, a Strike a pose kiki ball.

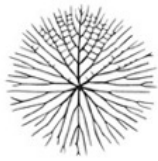
Naquela época, eu ainda não fazia parte do movimento *Belém is Burning*, então meus estudos sobre a *Cultura Ballroom* eram bem rasos, e ainda são, acredito eu. Mesmo assim, a fim de experienciar tal momento, segui participando e encontrei naquela *kikiball* um novo espaço de investigação para meu corpo e suas expressividades em cena dançante.

Naquele momento, muitas sensações se afloraram em mim e entre elas uma perspectiva mais ampla – afetiva e política - do que poderia se tornar minha pesquisa: uma percepção de que as subjetividades dos corpos LGBTQIA+ se afloram nos “espaços da noite”, nos lugares de reclusão de uma minoria que em seu fazer convencional diário são tolhidos. Subjetividades que se constroem a partir do encontro em espaços de *transgressão* que, por sua vez, “é sempre um ato de violação de

³⁹ Pequeno Baile Faça uma pose.

⁴⁰ Queimando o baile, mini baile.

⁴¹ A performance “Quando eu me assumi” é um dispositivo de coleta sensível que experimentei naquele dia e pretendo escrever sobre isto em trabalhos futuros.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

conduta, uma ruptura brusca, um desvio inesperado em algum local do caminho. A transgressão, por si só, é um crime (necessário).” (NUNES, 2019, p. 84)

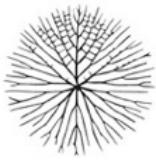


Figura 2 Fotografia de uma das categorias da Strike a pose KikiBall na festa Profunda(2019). Fonte: acervo pessoal.

Transgredir, então, se tornou um novo encaminhamento para mim, não uma meta, mas uma possibilidade. Sei que de alguma forma já tenho feito esse exercício em outras instâncias da vida e da dança, mas agora é uma nova experiência, um novo território. Território repleto de subjetividades que se criam, se inventam, se reorganizam, se multiplicam, se interiorizam, se expandem, acasalam e proliferam: Uma *coreocartografia familiar* ou, como tenho compreendido atualmente, uma *baitolagem coreográfica*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar da *Kikiball Strike a pose*, na *Festa profunda*, foi de fato uma experiência profunda, e fecunda, que gerou raízes em mim. Fez nascer outras possibilidades, outros rios a mergulhar, um verdadeiro devaneio criativo e que me levou



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

a um estudo/imersão mais profundo na *Cultura Ballroom*, que, por sua vez, vem transformando minhas perspectivas quanto as questões de gênero e sexualidade na Dança, o que desagua diretamente nas experimentações cênicas e no desenvolvimento teórico de minha pesquisa de doutoramento.

Desta forma, atravessado por outros corpos, como os corpos de Vitor Nunes, Hian Denys, Emanuel Jr, Danny Queen, Monique Amaral, artistas da dança e corpos LGBTQIA+ que também participaram da *kikiball Strike a pose* (2019), bem como de Rafa Cardoso, Rodrigo Pará, Renato Lopes e demais integrantes do Movimento *Belém is Burning* que usufruem deste espaço da diferença no qual podemos ser nós mesmos ao mesmo tempo que descobrimos outras possibilidades de si, retorno à minha casa mais 'enviadessido' e mais disposto a me 'desarmariar'.

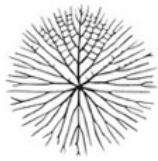
E, portanto, enquanto fenômeno resultante deste trabalho, proponho uma reflexão sobre os corpos LGBTQIA+, a partir do meu encontro com estes corpos, e certamente de meu reencontro comigo enquanto homem cis gay em um contexto dançante. Corpos nômades "desamariados" de seus medos que em uma forma de guerrilha, a partir da compreensão da subjetividade como potência agenciadora de mudanças, tratam de questões significativas para se pensar Dança e existência na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Marlon. **Butch queens up in pumbs: gender, performance and ballroom culture in Detroit**. The University of Michigan: Michigan, 2013.

BERTE, Odailso. **VOGUE: dança a partir de relações corpo – imagem**. Dança, Salvador, v. 3, n. 2 p. 69-80, jul/dez. 2014.

NUNES, Kuan Amora. **Trilogia do Armário: encenação teatral como prática de liberdade no processo de estilização da vida**. 1 ed. Jundiaí [SP]: Paco editorial, 2019.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos *Ballrooms*** / Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem: Campinas, SP, 2018.

SILVA, Juanielson A. **Farinha poética: a coreocartografia familiar de um rito artístico**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciência das Artes. Programa de pós-graduação em Artes da UFPA: Belém do Pará, 2019.

Documentários, series e filmes

PARIS IS BURNING. Direção: Jennie Livingston. Distribuidora: Miramax Films. New York (US): 1990.

POSE. Criadores: Ryan Murphy Brad Falchuck . Steven Canals. Distribuidora: 20th Television. New York (US): 2018.

Entrevistas

CARDOSO, Rafa. Entrevista concedida em 20 de out. 2019.

SILVA, Renato Lopes da. Entrevista concedida em 24 de out. 2019.

PARÁ, Rodrigo. Entrevista concedida em 23 de out. 2019.